

CAP 3: Paisagens da Serra

A Serra do Espinhaço constitui uma grande cordilheira, cuja pronunciada morfologia é resultado de espessas camadas de quartzito que recobrem o embasamento altamente metamorfizado em função de processos tectônicos (PFLUG et al., 1980).

Importante divisor de três grandes e importantes bacias hidrográficas - São Francisco, Jequitinhonha e Doce - a Serra do Espinhaço constitui um conjunto de terras altas, em que “a denominação de ‘serra’ esconde (..) uma realidade fisiográfica que seria melhor definida pelo termo ‘planalto’” (SAADI, 1995:1).

Segundo Saadi (1995), em uma escala regional, a Serra do Espinhaço pode ser subdividida em dois compartimentos de planaltos, separados por uma depressão situada a norte de Diamantina. O Planalto Meridional enquadraria toda a região localizada entre as nascentes do rio Cipó na Serra do Cipó - área considerada limite meridional ou início da Serra do Espinhaço¹ - até a depressão que o separa do Planalto Setentrional. O Planalto Setentrional, por sua vez, inicia-se a norte da depressão que o separa do primeiro planalto mencionado e estende-se até a Bahia (SAADI, 1995).

Nestes, mais de séculos de histórias ilustram as relações de percepção e apropriação do meio dito natural como local de experiências humanas.

Porém a ocupação da Serra do Espinhaço não teve início nos idos séculos XVII/XVIII, ela remonta à transição do Pleistoceno para o Holoceno, sendo as mais antigas datadas de 12 000 anos BP- conseguida a partir da datação de um carvão retirado de uma estrutura de combustão do Grande Abrigo de Santana do Riacho, na Serra do Cipó - (PROUS; JUNQUEIRA; MALTA; CHAUSSON, 1991), correspondendo, portanto, a um período de ocupação pré-histórica.

Para se falar das paisagens culturais pré-históricas da região Diamantina - região pela qual este trabalho se interessa - é importante entender os diferentes aspectos que as compõem - o meio natural e os componentes culturais, antes de olhar para estes de maneira relacionada.

É preciso compreender os aspectos naturais que modelaram a paisagem para que posteriormente sejam compreendidas as apropriações culturais destes aspectos, que

¹ Alguns autores, consideram que a Serra do Espinhaço tem seu início na Região do Quadrilátero Ferrífero (PFLUG; HOPE & BRICHTA, 1980), contudo adota-se aqui a Serra do Cipó, mais especificamente as nascentes do o Rio Cipó como sendo seu limite mais meridional de acordo com Saadi (1995) e Dossin et al. (1990).

configuraram a construção cultural da paisagem de parte do Planalto Meridional da Serra do Espinhaço.

3.1 - A paisagem natural do Planalto Meridional da Serra do Espinhaço

O Planalto Meridional da Serra do Espinhaço é resultado de uma série de eventos geotectônicos iniciados no pré-cambriano. Segundo Almeida, Abreu & Pflug (1994) e Saadi (1995), a seguinte seqüência de eventos pode ser descrita:

- 1752 Ma (final do Paleoproterozóico) = início do processo de rifteamento, dando surgimento a uma bacia, na qual foram acumulados sedimentos predominantemente areníticos do Supergrupo Espinhaço;
- 1250 Ma (Mesoproterozóico) = fechamento da bacia por esforços compressivos com transporte de leste para oeste;
- 1000 Ma seguintes = período de relativa calma tectônica que possibilitou a sedimentação do Grupo Macaúbas;
- 900 Ma (Neoproterozóico) = evento distensivo, promovido por um novo movimento divergente das placas tectônicas, responsável por um intenso magmatismo basáltico, e subsidência do cráton São Francisco, formando uma bacia que acolheu os sedimentos pelítico-carbonáticos do Grupo Bambuí;
- ao final do Neoproterozóico há um novo movimento das placas tectônicas, desta vez convergentes, resultando em empurrões de leste para oeste, sobrepondo o Supergrupo Espinhaço aos Grupos Macaúbas e Bambuí.

Em função dos diferentes momentos de evolução da Serra do Espinhaço, a geologia da Serra é bastante diversa. De acordo com DOSSIN *et al* (1990), são presentes os terrenos granito-gnáissicos que constituem o embasamento arqueano, no centro da cordilheira e especialmente na borda leste. Na porção central da serra (região de Gouveia) aparecem rochas sedimentares em associação com rochas do embasamento cristalino, com presença de pacotes miloníticos. Coberturas proterozóicas são sobrepostas a estes domínios, e são representadas por metassedimentos terrígenos, predominantemente compostos por rochas vulcânicas, sejam elas básicas e/ou ácidas. Estas coberturas podem ser divididas em duas grandes unidades: clastro-química, composta por filitos, quartzitos, e formações ferríferas; quartzitos dominantes que suportam a orografia da Serra do Espinhaço.

A espessa camada de quartzito apresenta-se rígida em toda sua extensão, contudo apresenta-se altamente fraturada e cisalhada, em que os processos de esculturação fluvial são responsáveis pelas formações de cristas, escarpas e vales encaixados, seguindo direções estruturais (SAADI, 1995) (Prancha 2).

As formações quartzíticas que compõem o Supergrupo Espinhaço, e que representam aquelas que capeiam e sustentam a Serra, são também variadas, em função dos diferentes ambientes deposicionais dos sedimentos que as formaram, influenciados, por sua vez, pelos distintos processos de evolução que a Serra sofreu.

Segundo a classificação de Köppen, o clima da Serra do Espinhaço é caracteristicamente mesotérmico brando, tipo *Cwb* (ou intertropical). Devido às altitudes elevadas, as temperaturas nos meses de verão são agradáveis (22-28°C) e o inverno apresenta-se pouco rigoroso (10-15°C) (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997).

Embora classificada com uma vegetação predominantemente composta por campo rupestre, condicionado pelas características litológicas, pedológicas e climáticas, a vegetação da Serra do Espinhaço é, contudo, composta por uma grande diversidade de aspectos fitofisionômicos (Prancha 3).

Segundo Medina (2004) na região são encontrados quatro tipos vegetacionais: os campos rupestres - surgem em áreas planas, acima de 1000m de altitude, com solos arenosos ou cascalhados, rasos, ácidos, pobres em nutrientes e matéria orgânica, entremeados por “bolsões mais úmidos”, formando brejos, que podem ser permanentes, nos quais aparecem turfeiras, ou periodicamente inundados. Nestes há ainda flora rupícola associada aos afloramentos rochosos; campo cerrado - aparecem entre as cotas altimétricas de 800 a 1000m. Há dominância de formas herbácea arbustivas, podendo passar a campo sujo e rupestre; as matas de galeria estariam associadas às linhas de drenagem; os capões de mata estariam associados aos topos de morro e às encostas.

De acordo com Moretti (2005), os aspectos encontrados em predominância na Cadeia do Espinhaço são os campos cerrados, campos rupestres e matas de galeria.

Apesar de haver um consenso a respeito da diversidade de formações vegetais que compõem a Serra do Espinhaço, não há um consenso sobre as características, nomeação ou sobre o que determina tais formações (PEREIRA, 1994). Faz-se assim necessária uma definição dos aspectos vegetacionais que serão considerados, neste trabalho, como componentes da Serra do Espinhaço.

A vegetação do tipo campo rupestre segundo Ribeiro e Walter (1998),

É um tipo fitofisionômico predominantemente herbáceo-arbustivo, com presença eventual de arvoretas pouco desenvolvidas de até dois metros de altura. (...) ocorre em solos litólicos ou nas frestas de afloramentos. (...) A composição florística pode variar em poucos metros de distância, e a densidade das espécies depende do substrato. Nos afloramentos rochosos, por exemplo, os indivíduos lenhosos concentram-se nas fendas das rochas, onde a densidade pode ser muito variável” (p. 133).

Seria, portanto, este tipo de vegetação o predominante na serra, associado aos afloramentos rochosos, amontoados de blocos desabados e solos rasos com alta porcentagem de cascalhos.

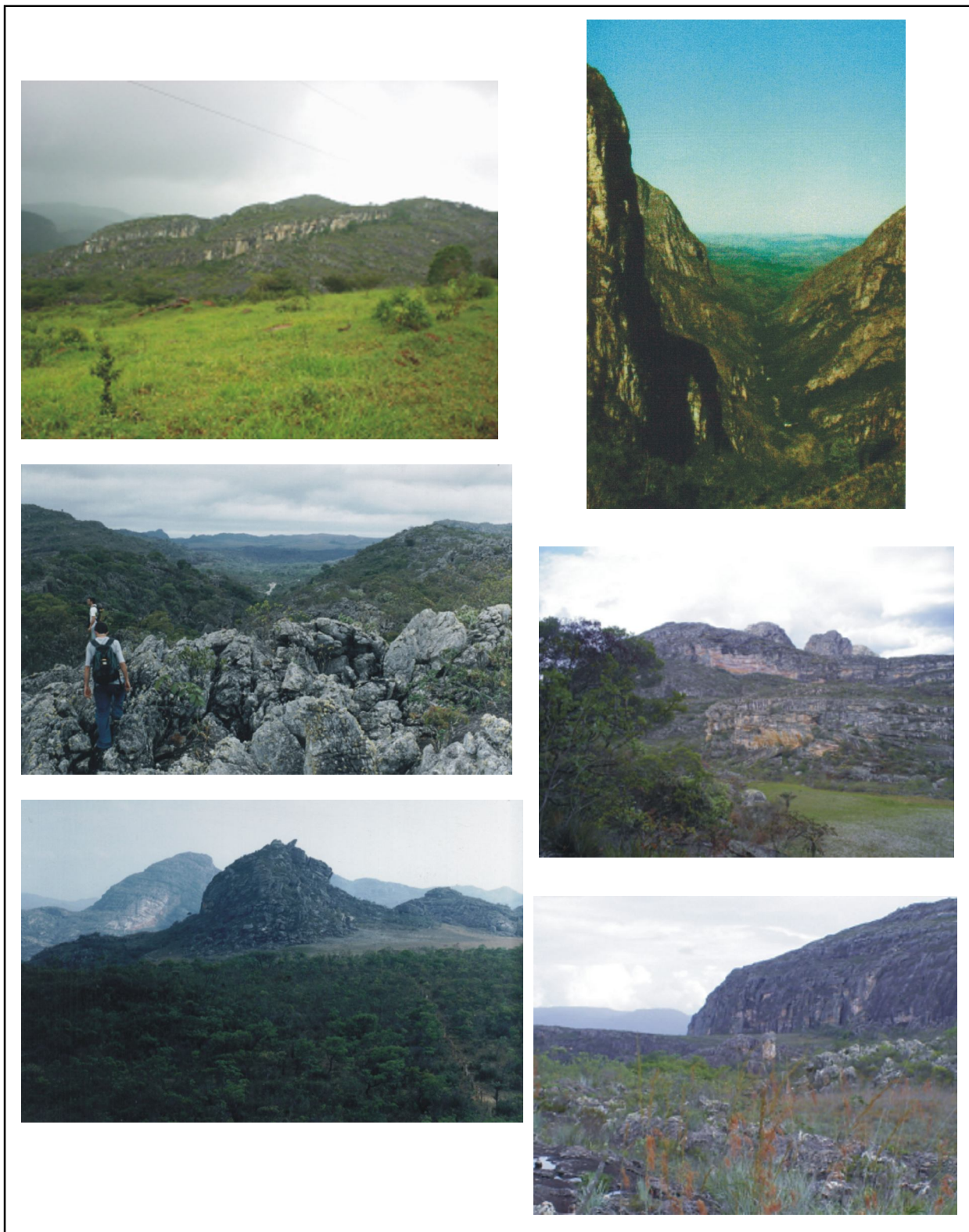
Freqüentes são outras vegetações que se enquadram na classificação de tipos fitofisionômicos do Cerrado posposta por Ribeiro & Walter (1998).

Entre as formações florestais descritas por estes autores é possível encontrar no Planalto Meridional da Serra do Espinhaço as matas de galeria e ciliares - associadas a cursos d'água em terrenos bem ou mal drenados, a mata seca - associada aos afloramentos calcários - e o cerradão. O cerradão, conhecido também como floresta xeromorfa, caracteriza-se por conter espécies que ocorrem no cerrado *stricto sensu* e em áreas de mata. Apresenta dossel predominantemente contínuo. O extrato arbóreo varia de 8 a 15m, favorecendo a entrada de luminosidade que propicia a formação de estratos arbustivos e herbáceos.

Dentre as formações savânicas encontra-se o cerrado *stricto sensu*. Este caracteriza-se pela presença de árvores baixas, tortuosas, retorcidas, de troncos fendidos ou sulcados com cascas grossas, e folhas rígidas e coriáceas. Pode apresentar variações quanto à predominância dos extratos vegetais, sendo que a cobertura arbórea varia de 70% a 5%.

Aparecem ainda o campo sujo e campo limpo, compondo as formações campestres conjuntamente com o campo rupestre.

O campo sujo é exclusivamente herbáceo e arbustivo com espécies apresentadas de maneira esparsa. O campo limpo caracteriza-se por ser quase que exclusivamente herbáceo, contendo escassos arbustos e ausência quase completa de árvores. Pode ser encontrado em diversas posições topográficas, condições de umidade e profundidade, sendo, contudo, mais freqüentes nas encostas, chapadas e próximo a nascentes. Podem ser chamados também de “campo de várzea” quando encontrados em áreas planas e extensas, contíguas aos rios e inundadas periodicamente.



Prancha 2: Aspectos da esculturação do relevo do Planalto Meridional da Serra do Espinhaço.



Prancha 3: Aspectos da vegetação do Planalto Meridional da Serra do Espinhaço.

3.2 - Os aspectos naturais da paisagem da Região de Diamantina

O clima da região de Diamantina, assim como em todo o Planalto Meridional da Serra do Espinhaço, caracteriza-se como sendo mesotérmico brando, de acordo com a classificação de Köppen (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997).

Em termos geológicos, tomando por base somente a folha Diamantina em escala 1: 100 000² produzida pelo Projeto Espinhaço³, é possível encontrar na região uma grande diversidade (Figura 3).

Segundo Fogaça (1997),

Os quatro grandes conjuntos litológicos que se distribuem pela área da folha incluem o Complexo de Gouveia e o Supergrupo Rio Paraúna, ambos do Arqueano, o Supergrupo Espinhaço (ocupando aproximadamente 80% da folha) e o Grupo Macaúbas, respectivamente do Proterozóico Médio e Superior. O quadro litológico é completado por um grupo especial de rochas, os metadiabásios e metagabros, os quais sob a forma de diques, soleiras ou *stocks*, podem ser visualizados cortando as três primeiras unidades mencionadas (p. 1597).

O Complexo de Gouveia constitui-se de afloramentos de granitos e migmatitos. Na área de Gouveia estas rochas encontram-se expostas em grande extensão, em uma depressão que corresponde à escavação de gnaisses e xistos, justapostos aos quartzitos por dinâmicas tectônicas (SAADI, 1995). Esta área conhecida como “Anticlinório de Gouveia”, encontra-se perturbada por sistemas de falhamentos de empurrão, que propiciou o desenvolvimento de zonas milonitizadas (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997).

Fora da depressão de Gouveia esta formação é encontrada em diversas exposições menores.

O Supergrupo Rio Paraúna é um conjunto vulcano-sedimentar, e é representado pelo Grupo Costa Sena, que por sua vez subdivide-se na Formação Barão de Guaicuí e na Formação Bandeirinha.

A Formação Barão do Guaicuí é formada por espessos pacotes de xistos com cianita e horizontes de rochas metavulcânicas. A Formação Bandeirinha é constituída

² Tomar-se-á como base para uma caracterização da região, somente a folha Diamantina em escala 1:100 000, já que é nesta que se encontra cartografada a maior parte do município, e parte dos municípios vizinhos que este trabalho abarca.

³ Projeto de Mapeamento Geológico do Espinhaço, organizado pela COMIG.

por xistos quartzosos, quartzitos micáceos e mais raramente lentes de metaconglomerado (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997).

O Supergrupo Espinhaço

constitui uma unidade geotectônica especialmente atraente do ponto de vista geológico. Na folha Diamantina, numa área de 2500 km², são encontradas exposições notáveis de todas as unidades que compõem este supergrupo, permitindo a definição de um seqüenciamento estratigráfico completo para o intervalo do Proterozóico Médio (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997:1607).

Este supergrupo acha-se dividido em oito formações (Figura 1, p. 28): Formação Sopa-Brumadinho, São João da Chapada e Galho do Miguel, todas componentes do Grupo Guinda; formação Santa Rita, Córrego dos Borges, Córrego da Bandeira, Córrego Pereira e Rio Pardo Grande, componentes do Grupo Conselheiro Mata.

A Formação São João da Chapada normalmente recobre as rochas xistosas. A seqüência inferior é caracterizada por um pacote de até 40 m de quartzitos micáceos e ferruginosos de granulometria grosseira, mais raramente podendo ser fina. Associadas aos quartzitos ocorrem lentes de metabrechas e metaconglomerado. A esta Formação também estão associados horizontes de rochas originalmente magmáticas, conhecidas como filitos hematíticos (PINHO E ABREU, 1997; FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997).

A seqüência superior desta formação possui em sua parte basal constituição de quartzitos médios a grosseiros, juntamente com estruturas sedimentares de origem fluvial. A parte mediana desta seqüência caracteriza-se por uma redução da granulometria dos quartzitos, sendo freqüentes intercalações com quartzitos micáceos e filitos quartzosos. No topo da formação o material torna a se apresentar com granulometria mais grosseira (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997).

A Formação Sopa-Brumadinho abrange exposições de metapelitos, quartzitos variados, metaconglomerados, além de xistos verdes e filitos hematíticos, podendo ser dividida em três membros: Datas, Campo Sampaio e Caldeirões (não distinguíveis no mapeamento em escala 1:100 000, mas visíveis em escala 1:25 000).

O membro Datas constitui a base da Formação Sopa-Brumadinho caracterizada pela associação de filitos e quartzitos micáceos finos. No membro Caldeirões predominam os quartzitos e os metaconglomerados. Os quartzitos aparecem com granulometria média a grosseira e bastante ferruginosos. O membro Campo Sampaio caracteriza-se pela predominância de filitos e metassiltitos, além de quartzitos finos.

Ainda fazem parte deste membro metabrechas (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997).

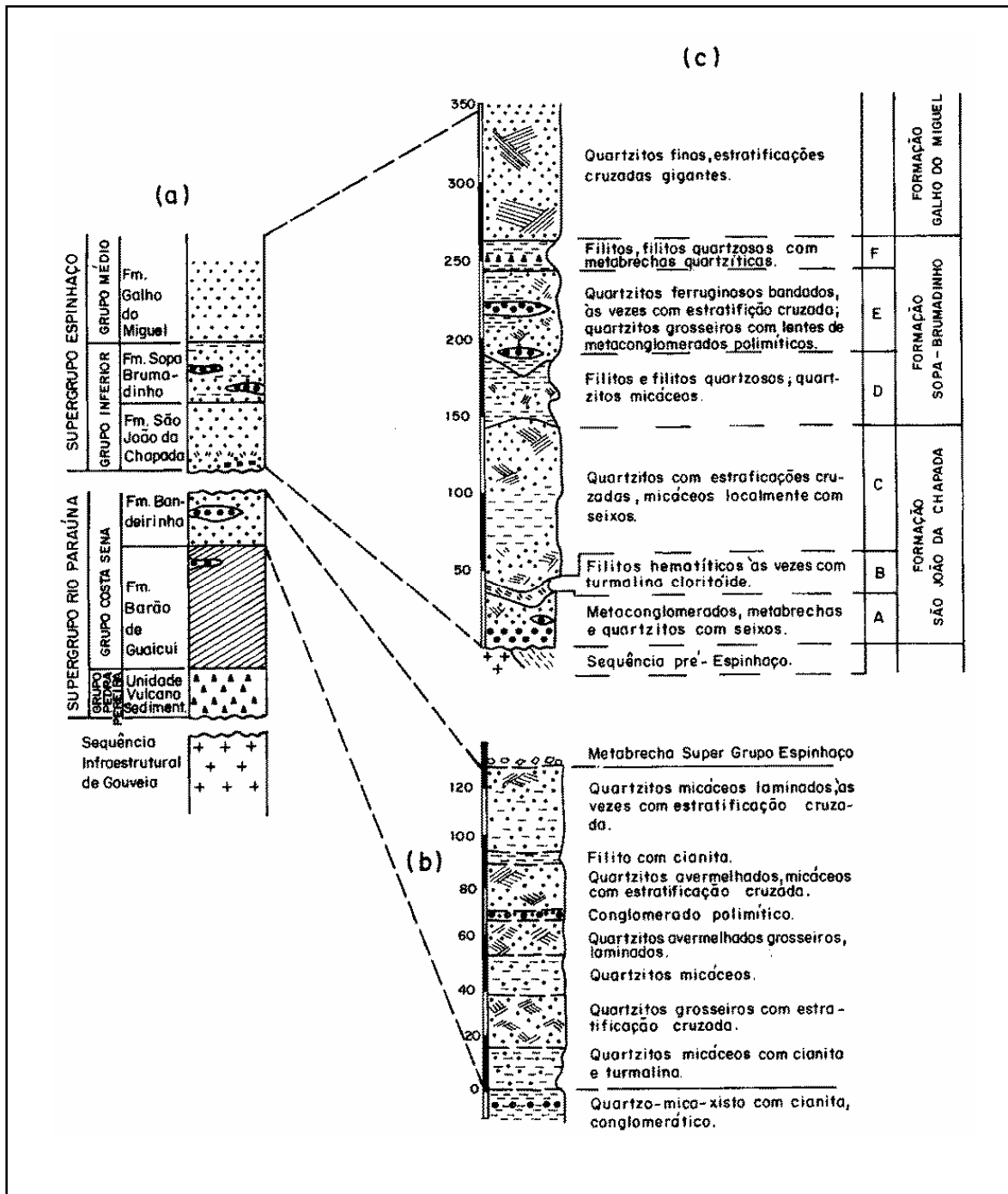


Figura 3: Quadro estratigráfico da Serra do Espinhaço - Folha Diamantina
 Fonte: FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997:1606

A formação Galho do Miguel é

A unidade mais expressiva da Folha Diamantina, com extensão em área que ultrapassa os 1000 km², ou 1/3 da área mapeada. Constitui

sem dúvida, a paisagem mais impressionante da Serra do Espinhaço, com uma sucessão (...) de *hog backs* e elevações que ultrapassam às vezes os 1500m de altitude (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997:1617-18). (FOTO 1)



Foto 1: Afloramento da Formação Galho do Miguel - Serra do Pasmarr

Apresenta notável homogeneidade litológica, caracterizada por uma monótona seqüência de quartzitos de grão-fino a médio, localmente com delgados níveis de filito. Os quartzitos aparecem bastante homogêneos e com os quartzos correspondendo a 99% de sua composição petrográfica (PINHO & ABREU, 1997).

A Formação Santa Rita é constituída de metassedimentos, em que são alternados filitos, metassiltitos e quartzitos finos. Também aparecem nesta formação “diques de Arenito” (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997).

A Formação Córrego dos Borges possui pacote de quartzitos laminados, micáceos, branco-acinzentados. Aparecem ainda, mesmo que raramente, quartzitos com feldspato. Assim como os afloramentos da formação Galho do Miguel, os afloramentos desta formação destacam-se na paisagem por “apresentar uma sucessão de hog-backs descontínuos e grosseiramente alinhados” (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997)

A Formação Córrego da Bandeira é caracterizada pela alternância de filitos/metassiltitos e quartzitos finos, além da presença de metabrechas recobertas por filitos hematíticos.

A Formação Córrego Pereira é composta por quartzitos ricos em feldspatos, quartzitos puros e quartzíticos micáceos.

A Formação Rio Pardo Grande compõe um pacote em que se alternam camadas moderadas de metassiltitos, metargilitos e filitos. Aparecem ainda camadas de quartzitos finos e lentes de calcário (que em alguns lugares possuem espessuras significativas).

As rochas metabásicas aparecem em quase toda a folha Diamantina, sobretudo, associadas às formações do Grupo Guinda. Constituem-se basicamente de metagabros e matadiabásios.

O Grupo Macaúbas aparece ao longo do trecho do Rio Jequitinhonha, entre Mendanha e Maria Nunes. É representado por quartzitos puros e impuros, médios a grosseiros e mal selecionados, às vezes arcosianos, com intercalações de microconglomerados - Formação Duas Barras -, sobrepostas a metapelitos com intercalações de quartzito e diamictito - Formação Serra do Catuni (FOGAÇA apud. PEDROSA-SOARES, 1997).

Em função da abundante variação litológica, combinada à compartimentação topográfica, a vegetação da região de Diamantina apresenta-se também variada. Apesar de sua vegetação ser caracterizada como predominantemente de campo rupestre, fato é que a região se configura como um grande mosaico de aspectos fitofisionômicos do Cerrado, cujas variações aparecem em forma de encaves.

Considerando o alto grau de antropismo que atuou sobremaneira sobre os aspectos vegetacionais da Serra do Espinhaço como um todo, é possível encontrar ainda hoje, áreas de cerrado - frequentemente associadas às intrusões de rochas metabásicas - áreas de cerrado *stricto sensu* - por vezes também associados a diques metabásicos, às rochas do Grupo Conselheiro Mata e aos granito-gnaisses, xistos e milonitos do Complexo de Gouveia. Possível ainda ver, de acordo com a classificação proposta por Ribeiro e Walter (1998), as formações campestres associadas aos afloramentos e áreas de várzea.

Identificar os diversos aspectos que compõem a paisagem natural do Planalto Meridional da Serra do Espinhaço não se resume na listagem de diferentes aspectos por si só, mas sim de tentar identificar diferentes aspectos naturais que favoreceriam diferentes recursos para as ocupações humanas.

No caso das ocupações pré-históricas, a identificação de importantes sistemas de drenagens, variadas litologias e formações vegetacionais pode em muito dizer sobre as possibilidades de recursos alimentares e de obtenção de matéria-prima eleitos para construção de ferramentas, tintas, tecidos, cestarias...

3.3 - Os aspectos culturais da paisagem do Planalto Meridional da Serra do Espinhaço

A Serra do Espinhaço possui inúmeros testemunhos da ocupação humana. Embora bastante valorizada pelos incríveis testemunhos da ocupação histórica – sobretudo colonial -, as paisagens que aqui querem ser entendidas são aquelas que remontam a tempos bastante idos. Aqui tentaremos olhar para uma paisagem percebida e construída na pré-história.

Embora as pesquisas arqueológicas realizadas de forma sistemática se restrinjam a alguns pontos – e em função disto há muitas áreas desconhecidas do ponto de vista arqueológico - há um grande número de vestígios encontrados que denotam a presença de ocupação humana na pré-história (JUNQUEIRA E MALTA, 1987; SEDA, 1998; GUIMARÃES, 2004;.)

Em função do aspecto fortemente cisalhado e fraturado da Serra do Espinhaço, decorrente da combinação entre litologia e processos formadores da Serra, esta apresenta um grande número de áreas abrigadas disponíveis, muitas das quais foram utilizadas como local para realização de atividades humanas. Os sítios em abrigo são os mais recorrentes na região, em função da facilidade de encontrá-los combinada com a dificuldade de se encontrar sítios a céu-aberto.

Na região da Serra do Cipó vários sítios arqueológicos em abrigo foram encontrados pela equipe do Setor de Arqueologia da UFMG na década de 80, dando continuidade aos trabalhos iniciados pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira na década de 70. Os trabalhos de prospecção aí foram restritos a áreas não muito grandes, localizadas sobretudo nas bordas e sopés da serra (PROUS, 2005). Apesar de um número significativo de informações disponíveis nos sítios nenhuma publicação e análise sistemática foi feita⁴, com exceção para o Grande Abrigo de Santana do Riacho, sítio de extrema importância para a arqueologia não só de Minas Gerais como para a América do Sul, que acabou por concentrar os esforços.

O Grande Abrigo de Santana do Riacho contém um número de informações surpreendente para a ocupação da serra, que de acordo com as datas obtidas de

⁴ Alenice Baeta está realizando projeto de Doutorado junto ao MAE/USP em que os sítios de pintura rupestre da Serra do Cipó, assim como outro do Brasil central serão analisados.

estruturas de combustão encontradas em nível arqueológico, tem início na transição do Pleistoceno/Holoceno (PROUS, JUNQUEIRA; MALTA; CHAUSSON, 1991).

Dentre os vestígios encontrados em Santana do Riacho, destacam-se a coleção de aproximadamente 40 esqueletos sepultados, cujas morfologias e datações são compatíveis com os esqueletos anteriormente encontrados no Carste de Lagoa Santa, e que correspondem à ocupação humana mais antiga da América do Sul, denominada de “População de Lagoa Santa” (PROUS, 1992/1993).

Além dos sepultamentos, foram encontrados nas escavações vestígios da cultura material, com importantes informações sobre hábitos alimentares, aspectos simbólicos, organização do espaço do sítio e sobre a maneira de realizar ferramentas de pedra (JUNQUEIRA E PROUS, 1992/93). No Grande Abrigo de Santana do Riacho são absolutamente notáveis os painéis de pintura rupestre, nos quais conseguiu-se identificar aproximadamente 3000 figuras. Foi em função de grafismos com temáticas e estilos recorrentes representando zoomorfos de maneiras variadas que se definiu a Tradição Planalto⁵ (Prancha 4, p 53).

A Tradição Planalto caracteriza-se por figuras predominantemente zoomorfas, monocromáticas, sobretudo em vermelho e amarelo, podendo ser também pretas e brancas, mas mais raramente. Os animais mais abundantemente grafados são os cervídeos, os peixes, as aves, os tatus e outros quadrúpedes, que por vezes, apresentam-se associados (PROUS, 1992). Em menor frequência são encontrados lagartos atribuíveis a esta tradição. Os antropomorfos aparecem de maneira bastante esquemática, comumente associados aos zoomorfos, quando estes aparecem com um traço atravessando seu dorso (representação de caça?)(Prancha 4).

Além de figuras atribuíveis à Tradição Planalto, podem ser encontrados em Santana do Riacho grafismos atribuíveis a outras tradições definidas em diferentes regiões do Brasil, como a Tradição Agreste e figuras do Complexo Montalvânia (estas tradições serão caracterizadas no capítulo seguinte).

Uma das maiores dificuldades na análise da arte parietal encontra-se na restrita possibilidade de relacioná-la aos vestígios de sub-superfície. Isto se dá em função da

⁵ É freqüente a organização dos vestígios materiais (cerâmicas, ferramentas líticas, grafismos rupestres) em agrupamentos, em função de semelhanças tecnológicas, temáticas, estilísticas, temporais e espaciais em “tradições” arqueológicas. Estas tradições sugeririam filiações culturais, contudo é preciso que este termo seja discutido e adequado às questões arqueológicas atuais. Pretende-se no terceiro capítulo contribuir para esta discussão, entretanto por questões práticas e didáticas o termo “tradição” continuará sendo empregado.

dificuldade de datar, de forma absoluta, as pinturas e gravuras. Para se conseguir datar uma pintura, através de métodos hoje conhecidos, é necessário encontrar disponíveis carbonos restantes das misturas orgânicas utilizadas como tinta. O que infelizmente não é muito comum e fácil, considerando o tempo de exposição das pinturas.

Contudo, no Grande Abrigo de Santana do Riacho conseguiram-se datas limites para algumas figuras, que seriam características da Tradição Planalto. As datas não foram conseguidas a partir da datação das próprias pinturas, mas a partir de níveis arqueológicos datados sobre os quais caíram blocos pintados, ou blocos que foram pintados e foram posteriormente recobertos por sedimentos de níveis arqueológicos posteriores. Várias são os casos em que a datação de pinturas desta maneira foi possível, indicando uma data antiga para a execução dos grafismos, ao mesmo tempo que datas recentes, do ponto de vista arqueológico, indicam uma manutenção da atividade por um longo período⁶(PROUS & BAETA, 1992/93).

O conjunto de vestígios do Grande Abrigo de Santana do Riacho é, portanto, singular e de extrema importância para a compreensão da ocupação pré-histórica regional. Sendo ainda mais útil quando possibilitado o diálogo com outras regiões do país e de Minas Gerais. Nesta última o diálogo com outras regiões próximas (centro e norte mineiros) é imprescindível para que se possa discutir a extensão ou abrangência dos repertórios culturais que favoreçam a discussão sobre territórios, organização espacial, mudanças e permanências visíveis na cultura material⁷.

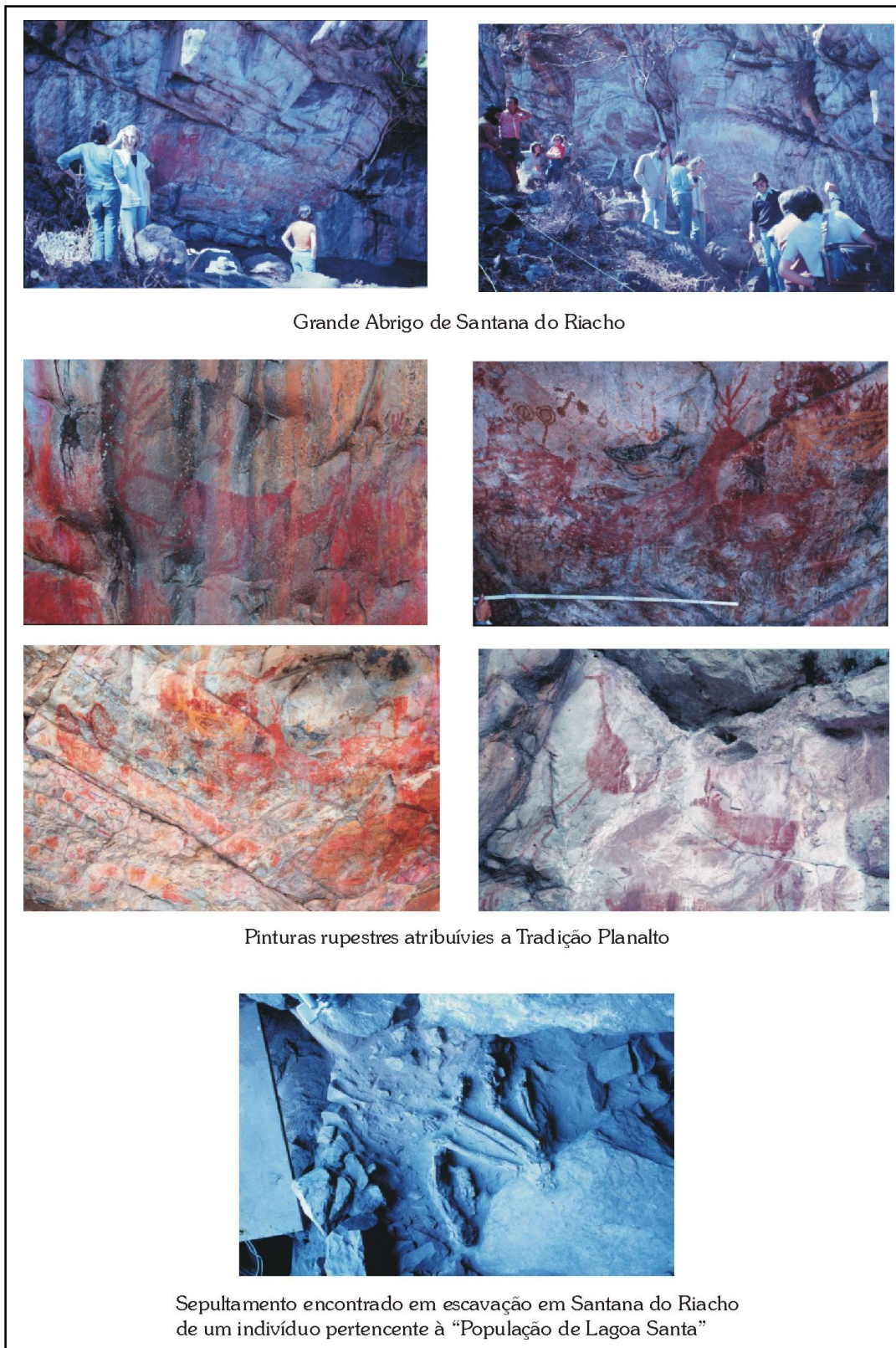
Outros locais do Planalto Meridional da Serra do Espinhaço têm sido alvo de levantamentos arqueológicos, sobretudo através de projetos envolvendo a chamada Arqueologia de Contrato, que visam avaliar e “conter” os impactos causados por empreendimentos.

Recentemente, foi realizado o plano de manejo para o Parque Estadual do Pico do Itambé, em que foram identificados alguns sítios pré-históricos no entorno da área do parque. Porém estes não foram ainda objeto de estudos sistemáticos (BAETA, 2004a)

⁶ As datas mínimas conseguidas para as pinturas variam de 8000BP até os últimos dois milênios (PROUS & BAETA, 1992/3)

⁷ Neste sentido está sendo elaborada junto ao programa de pós graduação em Arqueologia do MAE/USP a tese de doutoramento de Andrei Isnardis, pesquisador colaborador do Setor de Arqueologia da UFMG. Foi também enviado para a FAPEMIG (edital 01/2007) para avaliação um projeto intitulado *Territórios e Afinidades Culturais na Pré-História do centro e norte mineiros*, que prevê uma abrangente discussão entre os vestígios líticos e rupestres do centro e norte de Minas Gerais.

O mesmo pode-se dizer para a área do Parque Estadual do Rio Preto (BAETA, 2004b), em que vários sítios pré-históricos foram identificados e caracterizados brevemente.



Prancha 4: Grande Abrigo de Santana do Riacho

3.4 - Os aspectos culturais da paisagem de Diamantina e municípios vizinhos

3.4.a - Breve histórico das pesquisas na região

Na década de setenta do século passado o Setor de Arqueologia da UFMG realizou algumas prospecções oportunísticas em Diamantina e municípios vizinhos como Gouveia, Serro e Datas. Alguns abrigos com pinturas rupestres foram localizados, mas como as pesquisas estavam concentradas no Grande Abrigo de Santana do Riacho e na região de Lagoa Santa, nenhum estudo sistemático foi feito nos sítios.

Igualmente se deram as investidas do IAB na década de 80, que resultaram no registro de alguns sítios, sem o desenvolvimento de pesquisas.

Somente em 2003 a região foi alvo de pesquisas sistemáticas com o projeto de iniciação científica do Centro Universitário Newton Paiva, financiado pela FUNADESP, intitulado *Diamantina Rupestre: Percepções e construções da paisagem em uma abordagem histórica, geográfica e arqueológica do antigo Distrito Diamantino*⁸, cujo objetivo era fazer uma análise das diferentes percepções que o antigo Distrito Diamantino recebeu ao longo de diferentes períodos, considerando o período pré-histórico como um destes.

Em função do grande número de sítios identificados pelo projeto *Diamantina Rupestre* em uma área restrita na qual este realizou prospecções, após o término deste em 2004, o Setor de Arqueologia da UFMG, com financiamento da Missão Arqueológica Franco-Brasileira e da FAPEMIG, deu continuidade às pesquisas na região.

Em 2004 foram realizadas também prospecções na área do Parque Estadual do Biribiri, e na área de entorno, e nestas foi encontrado um número de cinco sítios em abrigo com pinturas rupestres (BAETA, 2004c). Como estas prospecções se referiam ao levantamento arqueológico para o plano de manejo, os sítios não tiveram seus vestígios sistematicamente estudados.

⁸ Este projeto contava com a coordenação do arqueólogo, e então professor do Centro Universitário Newton Paiva, Andrei Isnardis, e com a participação dos historiadores James Goodwin Júnior e José Newton Meneses, e do geógrafo Marcelino Santos Moraes. Todos também professores da instituição na época. O projeto contava ainda com quatro alunos bolsistas, sendo dois do curso de Geografia e dois do curso de História: Vanessa Linke, Daniela Lage, Cláudio Lima, Poliana Valente.

3.4.b - Os sítios e seus vestígios - uma breve caracterização da ocupação pré-histórica da região de Diamantina

Os trabalhos realizados pelo projeto *Diamantina Rupestre* foram responsáveis pela identificação de doze sítios em abrigo com vestígios de pintura rupestre. Após o início dos trabalhos realizados pelo Setor de Arqueologia da UFMG o número de sítios em abrigo com pintura elevou para 54, localizados nos municípios de Diamantina, Gouveia, Datas e Serro.

Em alguns destes sítios foram realizadas coletas de superfície, sondagens e escavações nas áreas internas dos sítios e sondagens e coletas de superfície na área externa (entrada), a fim de estender o conhecimento quanto à ocupação regional para além dos vestígios de pintura.

O sítio mais intensamente escavado, Lapa do Caboclo, revelou estruturas importantes para o entendimento da ocupação da região, além de acrescer na história da região pelo menos 10 000 anos.

Nas escavações do sítio foram identificados 3 níveis arqueológicos, em um restrito pacote sedimentar de aproximadamente 30cm (Figura 4). Os níveis arqueológicos correspondem às camadas estratigráficas naturais denominadas camadas 0, 1 e 2⁹.

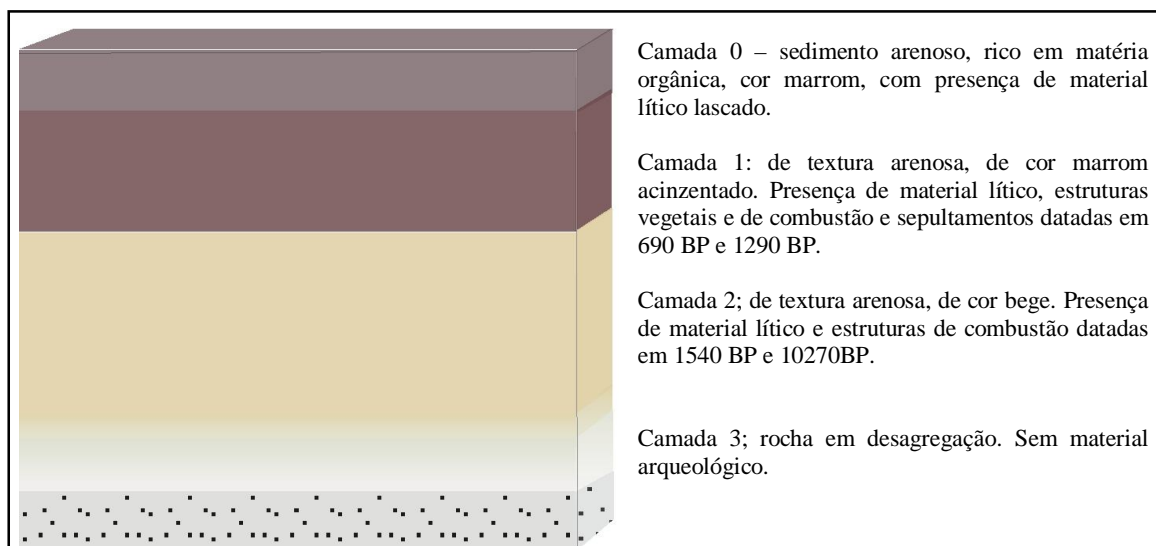


Figura 4: Perfil estratigráfico esquemático da Lapa do Caboclo

⁹ As datações foram obtidas por contagem de C_{14} (datação radiocarbônica) de carvões obtidas de estruturas de combustão e de material vegetal de estrutura de sepultamento, no laboratório Beta Analytics, amostras n° 199504, 199502 e 199503, respectivamente.

Quanto aos vestígios de sub-superfície da Lapa do Caboclo, estes representam a maior coleção em contexto obtida para a região.

Para o nível mais antigo da ocupação do abrigo os vestígios encontrados resumem-se a uma boa amostra de material lítico, que parece corresponder a etapas finais de produção dos artefatos (ISNARDIS & LINKE, 2005), além de raspadores e uma ponta de flecha feita em cristal de quartzo e resíduos de lascamento compatíveis com a fabricação desta (Prancha 5).

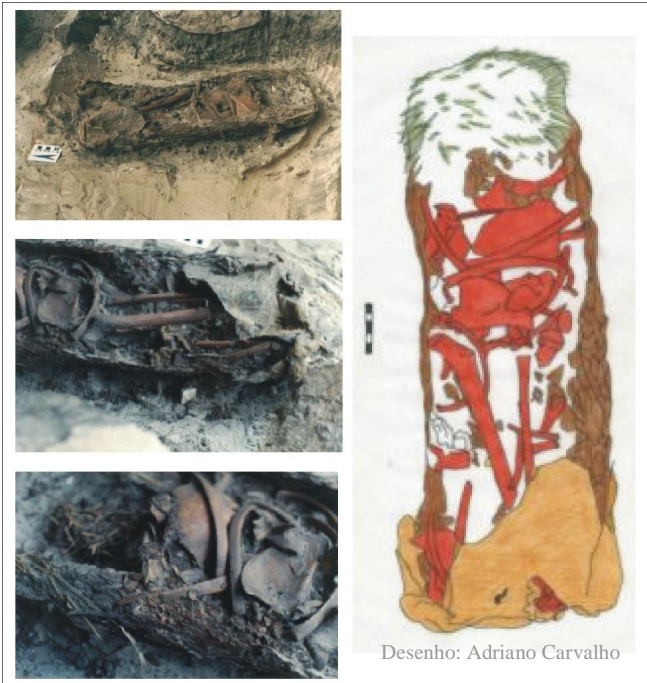
Os níveis mais recentes, para os quais têm-se datas entre 690 e 1240 BP, são aqueles mais ricos em termos de vestígios, que podem dizer mais sobre as apropriações dos recursos naturais.

Nestes níveis foram encontradas estruturas, das mais belas, de sepultamentos secundários. Trata-se de “estojos” de cascas de árvore, que receberam os ossos tratados - alguns possuem marcas de possível descarnamento, outros receberam penas, além de terem sido tingidos de pigmento ralo vermelho (parece que os ossos foram mergulhados em tinta vermelha) (Prancha 5, página 57).

Ainda nos níveis arqueológicos recentes, foram encontrados “depósitos” vegetais. Estes foram enterrados de forma desestruturada contendo, misturados, palhas, coquinhos, algumas sementes, incluindo de jatobá - em uma das estruturas foi identificada uma flor de sempre-viva! Estas estruturas pareciam estar cobertas por cinzas e continham também material queimado, sobretudo coquinhos.

Muitas lascas de refugo de elaboração de artefatos líticos - compatíveis também com as etapas finais da confecção destes - foram encontradas. Foram também encontrados pequenos instrumentos.

Outros seis sítios foram sondados não tendo, contudo, diversidade e riqueza de material como a Lapa do Caboclo. A Lapa do Boi, apesar de uma coleção significativa de material lítico, não forneceu nenhum vestígio que não fosse de pedra - provavelmente em função da umidade do solo do abrigo decorrente da variação do lençol freático, que prejudicou a conservação de materiais outros. Os sítios Caminho da Serra I, Lapa da Turma, Lapa Pintada de Datas e Lapa de Moisés muito pouco ofereceram. O sítio denominado Lapa do Peixe Gordo apresentou algumas fogueiras pequenas, das quais foram coletadas amostras de carvão para serem datadas. Em função da restrita área abrigada com sedimento, pouco material foi encontrado em contexto estratigráfico.



Sepultamento secundário de uma criança - Lapa do Caboclo nível recente (690 BP)



Vestígios líticos da Lapa do Caboclo



Instrumentos líticos encontrados em superfície diante de alguns abrgos



1



2



3

1 - escavação sepultamento II - Lapa do Caboclo

2- sepultamento II

3 - detalhe da pena encrustada na epífise do fêmur - sepult. II

Prancha 5: Vestígios encontrados na Lapa do Caboclo e outros sítios da região de Diamantina.

Apesar destes sítios não apresentarem muita informação em sub-superfície, vem deles a coleção de instrumentos e lascas líticas coletadas em superfície (em torno de 300 peças). Por serem a maior coleção de instrumentos obtidos estas peças estão sendo sistematicamente analisadas por pesquisadores do Setor de Arqueologia da UFMG. Incluindo nestas análises o estudo de micro-vestígios¹⁰ de uso das peças.

Inconteste a notável presença e importância dos vestígios de pintura rupestre da região, que não se restringem somente à Lapa do Caboclo. Estes vestígios serão apresentados no capítulo que se segue, uma vez que são estes as intervenções que serão consideradas como guias para uma construção pretérita da paisagem.

¹⁰ Estas análises, chamadas de traceologia, estão sendo realizadas por Márcio Alonso, e irão compor as discussões que estão sendo elaboradas no projeto de mestrado deste, realizada junto ao programa de pós-graduação em antropologia da FAFICH.